



## **GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos**

### **Coordenador(es):**

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

### **Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências**

**Debatedor/a:** Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

### **JOVENS TERENA: um estudo sobre o suicídio em Mato Grosso do Sul**

**Autoria:** Josiane Emilia do Nascimento Wolfart (ufms), Antonio Hilário Aguilera Urquiza

Este resumo é um recorte da pesquisa de mestrando em Antropologia Social sobre o suicídio Terena, desenvolvida em uma aldeia no município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul. No ano de 2017, a aldeia registrou dois casos de suicídio de jovens terena, apontado como um fato novo. O estudo consiste na busca pela interpretação deste público, sobre sua compreensão do tema, a partir das representações sociais que atravessam seu imaginário social. Durante o work de campo, tivemos conhecimento de que outras mortes aconteceram em aldeias terena da região. O público jovem é a principal vítima, em número de mortes e tentativas, com faixa etária entre 14 e 25 anos, a maioria meninos, (fato que não exclui os adultos). Um tema tabu, exigiu sensibilidade na condução do work de campo. Durante as entrevistas observamos o bloqueio da palavra suicídio sendo substituída por outras expressões como ?fez aquilo?, ou, baixar o tom de voz para pronunciá-la. Dentre as causas apontadas pelos entrevistados como responsáveis pelas tentativas, estaria um grupo criado via rede social, utilizado a partir de aplicativo de celular, em que, jovens interagem com vídeos e imagens de pessoas incentivando atos de autoagressão, como, por exemplo, automutilação. Fazem parte deste grupo jovens da comunidade em estudo, de outras aldeias da região e da Terra Indígena de Araribá, em São Paulo. Não se sabe quem administra o aplicativo, nem mesmo, como chegou até a aldeia. Os relatos das famílias indicam, que, dentre os jovens que atentaram contra a vida, uma parcela faz parte do grupo e a outra não. Isso nos leva supor o grupo como um disparador encobrindo a verdadeira causa para o fenômeno na aldeia. Não tivemos informação se, os dois jovens que morreram no ano de 2017 faziam parte do grupo. Levando em consideração as ideias de Durkheim, sobre o suicídio ser de natureza eminentemente social, buscamos explorar estas questões junto as famílias. As narrativas indicaram uma modificação nas



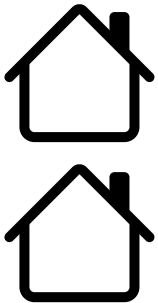
formas de relacionamento entre pais e filhos, os quais culpabilizam as redes sociais. Levi Marques Pereira (2009), indica que, mudanças sociais provocadas pela globalização têm afetado as relações sociais terena. A modernidade impõe novas formas de pensar e agir e, exigem do grupo adaptações em formas reflexivas de vida, desnaturalizando processos nos quais a reprodução social era pautada, impondo a necessidade de revisão da tradição. Um cenário fértil, para desenvolvermos nossas análises, ao que parece, as redes sociais tem cumprido um papel negativo alterando as relações sociais da vida em comunidade, traduzidas em atos de autoagressão por estes jovens e agora os adultos. Por hora, é o que podemos compartilhar. Os resultados das análises serão apresentadas na defesa final de nossa dissertação.



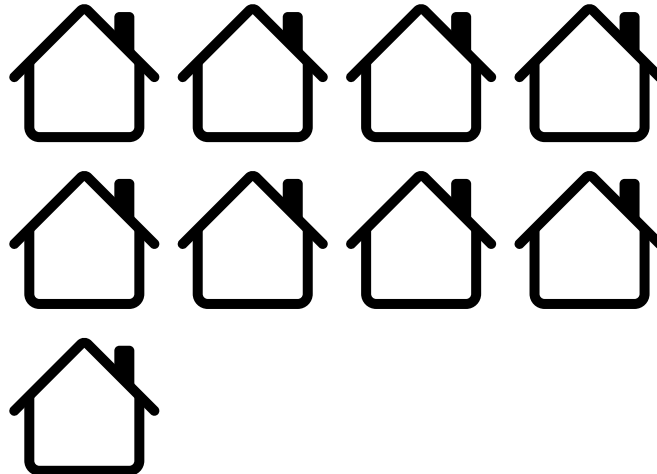
## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: